



ACONTECE NA CIDADE

Boletim Cultural da Cidade do Rio de Janeiro - ano 2 nº 16 - Novembro de 2004 - Gratuito

A China no Rio

A cidade recebe em novembro dois grandes eventos que traduzem a cultura milenar dos chineses. A partir do dia 9, a mostra *Arte e tesouros da China* reúne no Centro Cultural Correios mais de 190 peças entre cerâmicas, porcelanas, artesanatos, esculturas e objetos de jade. E no dia 20, os dançarinos do *Ballet de Sichuan* se apresentam no Theatro Municipal.

(Artes plásticas – pág. 12 e Dança – pág. 4)



Ficção científica diferente

Sem usar efeitos especiais, *Código 46* mostra uma sociedade afetada pela tecnologia em um futuro distante e discute as relações entre ética e amor quando William, o personagem de Tim Robbins, se apaixona por Maria, vivida por Samantha Morton. A estréia está prevista para a segunda semana de novembro.

(Cinema – pág.9)

Jorge Vercilo solta a voz no Morro da Urca

O cantor Jorge Vercilo faz dia 27 única apresentação do espetáculo *Livre* no Oi Noites Cariocas, baseado no repertório de seu mais novo trabalho. Todas as canções do disco estão no show, além dos sucessos *Que nem maré* e *Leve*. **(Show – pág.6)**



Na volta de Jorge Salomão, o agitador cultural fala sobre a gosma do subdesenvolvimento Brasil.

(Pág. 7)



E as nossas boas-vindas ao cartunista, chargista e caricaturista Amorim, o mais novo colaborador do ACONTECE NA CIDADE. (Pág.2)





Expediente

Diretor-Executivo

Ricardo Oliveira Castro - MTB 22333

Editora Responsável

Fernanda Moreira - MTB 19652

Projeto Gráfico

Estratégica Comunicação

Diagramação

Ligia Moreira

Colaboraram:

Amorim

Antônio Torres

Gloria Castro

Jorge Salomão

José Louzeiro

Leonardo Luiz Ferreira

Luis Pimentel

Paulo Raider

Sérgio Britto

Comercial

Ricardo: 9666-5469

E-mail para contato:

acontecenacidade@br.inter.net

© 2003 - Todos os direitos reservados. A opinião dos colaboradores é de responsabilidade dos mesmos. É proibida a reprodução do conteúdo desta publicação em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem a autorização expressa dos editores.

Índice

Editorial	pág. 2	Cinema.....	pág. 9
Antônio Torres...	pág. 3	Video/DVD	pág. 10
Literatura	pág. 3	Sérgio Britto	pág. 11
Dança	pág. 4	Artes Plásticas	pág. 12
Música	pág. 4	José Louzeiro	pág. 13
Luis Pimentel ...	pág. 5	Teatro	pág. 13
Show	pág. 6	Televisão	pág. 14
Jorge Salomão	pág. 7	Aconteceu	pág. 15
Sétima Arte	pág. 8	Paulo Raider	pág. 16

Editorial

Até 25 de novembro acontece na cidade o evento *30 anos sem Vianninha*. São leituras dramatizadas, palestras e uma exposição de fotografias inéditas para matar saudades deste grande dramaturgo brasileiro, morto aos 38 anos em julho de 1974. Tudo de graça, no Espaço Constituição. Para o ACONTECE NA CIDADE, um ótimo evento. E uma boa oportunidade para relembrar a obra de Oduvaldo Vianna Filho. Doze das 22 peças escritas por ele são revisitadas através das leituras, entre elas *Moço em estado de sítio*, *Rasga Coração*, *Chapetuba Futebol Clube* e *Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come*.

Filho do também dramaturgo Oduvaldo Vianna, Vianninha se destacou no cenário artístico do país por ter um espírito combativo. Quis fazer um teatro que mostrasse de forma crítica os problemas das classes populares. Uma "produção artística de circunstância". Em plena ditadura militar, escreveu sobre sindicalismo, questão agrária e exploração do trabalho pelo capital. Nós vamos lá!





3

Antônio Torres

Exercícios de admiração

1. Fernando Sabino - O rapazola que, lá na Bahia, não perdia sua crônica na revista *Manchete*, toda semana, não imaginava que um dia viria a conhecê-lo pessoalmente. E muito menos que iriam andar lado a lado no calçadão de Copacabana, em caminhadas agradabilíssimas e de grandes ensinamentos. Recordo uma vez em que ele me ensinou um truque para deixar de fumar: estar sempre com as chaves de casa na mão. Fernando Sabino achava que o tabagismo tem algo a ver com o gestual dos dedos em relação ao cigarro. A mão ocupada com as chaves poderia esquecê-lo. Por aí você já vê como ele era um observador de coisas simples, porém fundamentais.

Numa manhã de um domingo de uns seis meses atrás, ele me telefonou. Conversamos longamente, demos umas risadas e, ao final do papo telefônico, me convidou para tomar um drinque em sua casa. - Que tal amanhã? - perguntei-lhe. - Ih - ele disse. - Amanhã não dá.

Agora que inventaram que fiz 80 anos, inventaram também os exames médicos. Esta semana tenho de fazer um exame atrás do outro. Mas logo que resolver isto, telefono para você. Não telefonou mais. Ah, Fernando, só Deus - se é que Ele ainda existe - sabe a falta que você já nos faz.

2. João Ubaldo Ribeiro - Foi bom ver a adaptação que o Domingos de Oliveira fez do seu livro *A casa dos budas ditosos*, com a impagável (como se dizia no tempo dos grandes espetáculos circenses) interpretação da nossa querida Fernanda Torres. Na verdade, o que estava em cena era o brilho de um craque das letras. Com o que, aliás, o Domingos, a Fernandinha e toda a torcida do Flamengo (e espero que o vascaíno aí não menospreze isso), concordam. Bola pra frente, campeão.

3. Alberto Mussa - Este está dando um show de bola nas livrarias, com o seu romance *O enigma de Qaf*. Imperdível.



Literatura

Romance inédito e crônicas afetivas

Chegam às livrarias os novos de Jabor e Veríssimo

Uma alegoria política inspirada no dedo polegar é a mais recente obra de Luís Fernando Veríssimo, nas livrarias a partir do dia 10. *O Opositor* é o quarto volume da coleção Cinco Dedos de Prosa, uma novela de suspense - engenhosa, alegórica, irresistível. A coleção já teve *O Efeito Urano*, de Fernanda Young sobre o dedo médio; *O Indigitado*, de Carlos Heitor Cony, sobre o dedo indicador; e *Buscando seu Mindinho*, de Mário Prata, sobre o dedo mindinho.

No dia 15 é a vez das livrarias disponibilizarem o livro de Arnaldo Jabor. *Amor é prosa, sexo é poesia* reúne 35 crônicas afetivas publicadas nos últimos cinco anos nos principais jornais do país. Jabor escreve, com a mesma exuberância que imprime aos seus comentários políticos, sobre nossas obsessões mais íntimas: sexo e amor,



Divulgação

família e mulheres, entre outros temas tratados de forma ácida, às vezes lírica, e sempre vorazes. (G.C.)





Dança

4

Passos que vêm do outro lado do mundo

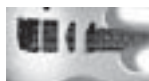
Companhia chinesa dança no Municipal

No dia 20 de novembro o Teatro Municipal recebe o *Balé Folclórico da China*. Os dançarinos do *Ballet de Sichuan* apresentam onze números, numa mostra delicada da mais antiga arte da dança: *Dança da Etnia Yi - Saias Felizes*, uma dança bem feminina da etnia de Sichuan; *Ópera de Sichuan - Hua Rong "Flexando um Abutre"*, uma história de amor que retrata os sentimentos dos jovens; *Dança da etnia Uigur - As meninas Bonitas*, dança típica da etnia Uigur; *Acrobacia - Pequenos Monges Alegres*, um retrato da vida dos monges; *Dança da etnia Mongol - Equilíbrio de Taças sobre a cabeça*, dança folclórica da Mongólia; *Ópera de Sichuan - Círculos com Luzes sobre a cabeça*, que fala sobre castigo; *Ópera de Sichuan - Encanto da China*, que mostra a cultura chinesa nas artes marciais; *Acrobacia - Encanto de Lótus*, uma combinação de dança e técnicas acrobáticas; *Dança Tibetana - Chá com manteiga*, dança feminina do Tibet; *Ópera de Sichuan - Bifurcação*, a história da dinastia Son e *Ópera de Sichuan - Sichuan na Primavera*, antigas historias de Sichuan.

A Escola Artística da província de Sichuan, berço do *Ballet de Sichuan*, é um dos mais importantes centros culturais da China e já recebeu vários prêmios internacionais. São mais de três mil alunos que ajudam a manter viva a milenar cultura chinesa. **(F.M.)**



Divulgação



Música

Petshopmundocão em DVD

Zeca Baleiro capricha e mostra vinte canções

Chega às lojas em novembro o DVD *Petshopmundocão*, de Zeca Baleiro, gravado no final do ano passado. São vinte músicas, entre elas *Drumembês*, *O Hacker*, *Mundo Cão* e *Eu despedi meu patrão* – todas do CD de mesmo nome - *Deixa a fumaça entrar*, de Martinho da Vila e Beto sem Braço, *Pagode Russo*, de Luiz Gonzaga e João Silva, *Bicho de Sete Cabeças*, de Geraldo Azevedo e Zé Ramalho, *A prosa impura do Caicó*, de Chico César, *Juízo Final*, de Nelson Cavaquinho e Elcio Soares. Entre as antigas, estão no DVD *Piercing*, *Heavy metal do Senhor*, *Terra de cego*, *Vai de Madureira* e *Babylon*. **(F.M.)**

Daniel Cruz





**Luís
Pimentel**

Na onda do feng shui

Brasileiro adora um modismo de ocasião. Tem sempre o alimento ou bebida da moda, o bar, boate ou shopping que é o *must*, a gíria, o sotaque ou o cumprimento da moda, o atleta e a modelo do momento.

Quem curte modismos se amarra em conceitos orientais. Teve a fase de curtir a revolução cultural, os poemas do Omar Khayyam, os ensinamentos do Gibran ou do Dalai, os filmes do Kung Fu e do Bruce Lee, a dieta do arroz integral. Nessa área culinária, há algum tempo que a onda é o restaurante japonês – onde a moda é peixe cru e guardanapo cozido. Agora, está totalmente por fora quem não manja a fundo os ensinamentos do feng shui.

Conheço gente que não entra numa casa sem fazer estudo prévio do feng shui, onde fica o canto da amizade, do amor, da prosperidade etc. Tenho uma amiga que mudou a posição do vaso sanitário, pois a

ciência oriental dos enturmados recomenda não colocar o bumbum na direção do sol nascente. Tem gente que consulta o feng shui para cortar o cabelo, namorar, ir ao futebol ou atravessar a rua.

“O feng shui foi meio tentado lá em casa. Mexeram num vaso, mudaram o lugar de uma poltrona, uma estante com livros de referência mudou de sala. O resto, ou seja, nossa vida, ficou na mesma. O que – me entendam bem – foi ótimo”, escreveu outro dia o inspirado Ivan Lessa, em sua crônica da BBC Brasil.

Estou com o Ivan e não abro (a porta nem a guarda) para esses mandamentos de ocasião. Em minha casa, o melhor lugar para o sofá ainda é perto da janela, de onde leio os jornais olhando pro Redentor. Para que consultar o oráculo e saber qual a melhor posição da cama? Importante não é o lugar do fogão, mas o que se põe na panela.

Ricardo Pooch
Fotografia Profissional

Aniversário, Batizado, Reportagens,
Feiras e Eventos em geral.
pooch@domain.com.br
2527-5519 / 9666-5469

CICLO DE LEITURAS
Marco Polo
26ª EDIÇÃO
Dia 8 de Novembro, 19hs, no
Teatro da Justiça Federal (Cinelândia)

“Salvo disposição em contrário..”
de Elmo Lage Direção: Eloy Araújo

Maiores informações no site: www.ciclodeleitura.com.br
Retirada das senhas 1 hora antes na bilheteria do teatro
Entrada: 1 kilo de alimento não perecível que será
doado ao Retiro dos Artistas

Visite nosso site

www.acontecenacidade.com.br



Show

6



Foto: Ricardo Poock

Jorge Vercilo nas alturas

Cantor leva *Livre* ao Morro da Urca

Jorge Vercilo leva ao Oi Noites Cariocas, dia 27 de novembro, o repertório do seu último disco – *Livre* – que, em turnê, já percorreu mais de 50 cidades, do Sul ao Norte do País, e foi vista por mais de 300.000 pessoas. A banda é a mesma que o acompanhou por todo o país: Zeppa (guitarra), Alexandre Cavallo (baixo), Sérgio Galvão (sopros), Cristiano Galvão (bateria), Paulo Renato (teclados) e João Bani (percussão). As canções de *Livre* estão todas no show, intercaladas por

outros sucessos.

Ganhador de um disco de ouro, o CD *Livre*, quinto disco de Vercilo, emplacou três sucessos: *Monalisa*, *Contraste* e *Invisível*, uma mistura de salsa, valsa e bossa-nova. No Morro da Urca o público pode se preparar para cantar *Leve*, *Em Órbita*, *Que Nem Maré*, *Final Feliz* e *Encontro das Águas* ao lado de *As Árvores* e *Ventania*, adicionadas de *Palco* (Gilberto Gil), gravada no cd *Um Barzinho e Violão*. (G.C.)

Musa da eletrobossa

Shows imperdíveis de Bebel Gilberto

O carioca tem duas oportunidades raras de assistir à bossa-nova eletrônica de Bebel Gilberto, que se apresenta por aqui nos dias 8 e 9 de novembro, no Tim Festival. Os shows são no Golden Room do Copacabana Palace. A cantora mostra o espetáculo do CD que leva seu nome, o segundo da carreira e grande sucesso na Europa, Japão e Estados Unidos. As interpretações são belíssimas. Entre elas, *River Song*, *Baby* e *Cada Beijo*.

Considerada o ícone da eletrobossa, a cantora alia o acústico e o eletrônico a uma voz melodiosa e afinadíssima, o que encanta a crítica internacional. A revista Rolling Stones decretou que ela não é a



Divulgação

“Lisa Marie Presley da bossa-nova”. Ela é Bebel Gilberto, independente do pai, João Gilberto, também aclamado no exterior. O *Time Out* considera o trabalho da cantora “irresistível”. (F.M.)





**Jorge
Salomão**

SUBDESENVOLVIMENTO BRASIL

O subdesenvolvimento é uma gosma. Uma fábrica de enrolação para todo o lado. Um estado imposto de miséria onde toda e qualquer revolta e rebelião é sufocada pelos coágulos que a própria situação vai corroendo o indivíduo, no grupo, no social impossibilitando um fortalecimento e gerando enfraquecimentos orgânicos gerais.

O Brasil está jogado para os cantos. Tudo é extremo. Os ricos, os pobres numa total podridão. Está difícil o caminho para prosseguir. Onde? Como? De que jeito? São jogadas na nossa cara sem nenhuma possibilidade de uma possível melhora toneladas de brutalidades diariamente. O que fazer? O esforço das autoridades e dos políticos é pouco, ou melhor, nada para melhorar a vida de um país que pode dar certo em todos os ângulos. Tudo parece ser uma embromação o tempo todo. Os dias passam, os anos passam, tudo é retórica. O povo cada hora mais e mais afogado em devorar o que lhe é dado (e o que lhe é dado é nada) e assim entra ano e sai ano e esse bloco está piorando em todos os níveis. As estatísticas oficiais e agências pára-oficiais não falam mais da cratera que está o país. Elas falam para uns poucos que sorriem com os mentirosos crescimentos fornecidos por estas estatísticas. É preciso mexer no câncer social que devora o corpo inteiro do Brasil outrora parecendo virgem e que poderia explodir para o mundo outro lado da moeda. E que moeda? Nada vale nada aqui. Doenças se espalham, a fome desesperadora é alarmante, o analfabetismo cada vez maior, o desemprego, a falta total

e absoluta de dinheiro em circulação, um custo de vida dos mais altos do mundo, as máquinas burocráticas cada hora mais castradoras e o país se afundando e alguns brindando este estado caótico do quase acabar com o respirar no dia-a-dia, no tempo, dizendo que estamos caminhando para melhores coisas. Quando? O que se vê nas cidades e nos campos é a proximidade de uma corrente turva de terror próxima à morte por todo o lado. Não adianta lero lero, nem poses monárquicas para se traduzir um campo de impossibilidades. Será possível que nada anda aqui? Que fazem os que trabalham na área de economia, cultura, agricultura, educação e outras para a imensidão chamada Brasil senão reuniões e reuniões e depois "charme" de falar para a mídia e fica tudo nisso. Cargos adquiridos através de conchavos que são passados de pais para filhos, típica escola cretina subdesenvolvida de fazer política. Patacuada pura para se fazer dinheiro fácil e passar o tempo a borboletar enquanto tudo se quebra. Uns querem manter este estado de paupéria. Lhes dá lucro, para que mudar? Essa mentalidade tem que acabar. Por que não o melhor? A nação precisa gritar. Precisa se posicionar para crescer. É preciso arrancar as máscaras desse teatro onde os beócios estão com papéis principais. No palco aberto das nações o papel principal deve ser da população, do povo, permitindo-lhe uma atuação brilhante, uma vida com menos feridas. É preciso mexer, é preciso mudar. Senão não tem mais jeito aqui. Nunca mais.



Video Locadora

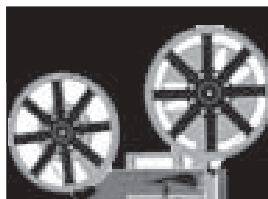
PARADISE
anos de fortes emoções

• CLÁSSICOS • CULTS • NACIONAIS •
• EUROPEUS • FILMES GLS • DVD •
• LANÇAMENTOS •

www.paradisevideo.com.br
☎ 2255-1025 ☎ 2257-2315 ☎

Segunda à sábado de 10:00 às 22:00h.
Domingo de 14:00 às 20:00h

Rua Figueiredo Magalhães, 581/C
Copacabana



Por Leonardo Luiz Ferreira
email: leonardo@brasbyte.com.br

8

Sétima Arte

Por um punhado de filmes

O Festival do Rio de cinema, organizado pelo grupo Estação, já se estabeleceu como um dos mais importantes eventos culturais do calendário da cidade, e quanto a isso não resta dúvida. A popularidade gera credibilidade e facilita em negociações no exterior para a participação de filmes relevantes, como a exibição de *Vera Drake*, de Mike Leigh, poucos dias após receber o Leão de Ouro em Veneza. As concorridas *Premières Brasil* e *Latina* se transformaram nos principais pólos de lançamentos de diversas obras, com panorama antecipado de 2005, inclusive esvaziando outros festivais. Por essa razão também, a exigência é cada vez maior e a possibilidade de erro é recorrente por ser impossível manter um controle de qualidade em todos os setores - destaque para o não atraso no cronograma da programação e a legendagem eletrônica, motivo de tanta dor de cabeça, à beira da perfeição. A começar pela campanha equivocada de publicidade, vaiada e motivo de ironia em várias sessões. O ator Luigi Barchielli não é a cara do Festival, mesmo que se queira reforçar o caráter popular, nem mesmo os estereótipos de cariocas focados em praia e sol. O material de divulgação é uma peça importante na engrenagem e também um artigo de coleção para os cinéfilos. O espelho poderia ser Cannes com suas homenagens aos diretores e grafismos de arte, e até mesmo da mostra de São Paulo que pede uma ilustração para um convidado. Por que não em 2004 homenagear o faroeste presente no trabalho do grande cineasta Sergio Leone ou a ficção científica e seus clássicos?

Na edição passada, as retrospectivas de Orson Welles e Mario Monicelli ficaram perdidas em meio a tantas opções. Agora, com Leone e Peter Davis essa relação diminuiu um pouco, porém nada impede que sejam realizadas mostras paralelas fora do evento, que teriam apreciação adequada. É essencial o resgate de filmografias, ainda mais para uma juventude, incluindo cinéfilos e estudantes de cinema, que as desconhece e só participa do hype do Festival, mantendo-se alheio ao passado da sétima arte.

Em termos de seleção, o saldo foi mediano como no ano passado, reflexo de seleções oficiais irregulares dos três principais festivais do mundo: Cannes, Berlim e Veneza. E também a insistência em basear a programação na mostra de Toronto e no medíocre *Sundance*; a *Un Certain Regard*, de Cannes, e a *Contracorrente*, de Veneza, poderiam figurar mais e também a excepcional cinematografia asiática. A não presença de alguns diretores ainda incomoda, entre eles de Manoel de Oliveira, Takashi Miike e Kim Ki-Duk (que já participaram anteriormente) bem como a exibição sem ordem cronológica de filmografias de cineastas de renome. Por exemplo, Michael Winterbottom teve dois filmes exibidos na edição 2004, *Código 46* e *Nove Canções*, mas o seu *In This World* (2002) que venceu Berlim não passou por aqui. As ausências mais sentidas foram mesmo da sensação de Cannes, *Old Boy*, de Chan-wook Park, e *2046*, de Wong Kar-Way, do excelente *Amor A Flor da Pele*, este pelo menos com a explicação de que a película ainda não está finalizada.

Mas claro que de bons filmes e de descobertas se vive uma mostra. O eixo 2003 transitou entre Coréia e Argentina. Esta repetiu a força de seu cinema com a autora Lucrecia Martel, de *O Pântano*, e seu ótimo *Santa Menina*, sem imagens prontas, ou didatismo, porém com entrelinhas e o reforço do gestual, além de referências a Buñuel (religião e burguesia); já Pablo Trapero, do bom e pouco visto *El Bonaerense*, e seu Família Rodante, realizou um road movie repleto de polaroids da instituição familiar da América do Sul, em que coloca a sua própria avó como protagonista; e o independente, filmado em digital, *Parapalos*, de Ana Poliak, que exalta que toda vida pode ser filmada, reforçando a idéia de que cada indivíduo pode conter ou estar contido potencialmente em uma narrativa fílmica, ao promover o registro do cotidiano banal de um repositores de pinos e bolas em um boliche. Já a Coréia cedeu o lugar para a Tailândia, o que realça o caráter essencial do cinema asiático no atual panorama. De lá, veio a obra-prima do Festival, sem obviamente contar as retrospectivas e os lançamentos, *Mal dos Trópicos*, de Apichatpong Weerasethakul, ainda sem previsão de distribuição no Brasil, com duas narrativas distintas e intrinsecamente conectadas. Uma primeira parte, de bela fotografia, com trilha sonora pop que aborda o amor impossível de um soldado por outro. Na segunda, uma alegoria muda, com visual obscuro, e ritmo plácido, sobre um soldado que persegue uma lenda na floresta

culminando na conversão homem-animal selvagem e na totalidade que rege o planeta. O segundo destaque do país é *A Última Vida no Universo*, de Pan-Ek Ratanaruang. Um longa que mescla yakuza com drama existencialista, com direito a uma boa *mise-en-scène* que intercala planos estáticos a tomadas distanciadas, e fotografia asséptica. O último exemplar tailandês é o regular *O Guerreiro Muai Thai*, de Prachya Pinkaew, um filme de ação direto de uma das matizes, que brinca com o cinema comercial americano que nos anos 80 se aproveitou da exposição e investiu em socos e pontapés. O diretor Luc Besson acreditou no potencial da empreitada e comprou os direitos de distribuição para a sua produtora Europa.

O Festival do Rio acabou no dia 7 de outubro, 14 se contar a repescagem, e após filas, reflexões, debates, decepções e descobertas o momento é de descanso para se processar a exuberância de tantas imagens, a paixão imensurável pelo cinema por tantas pessoas que tem seu ponto ápole durante esses poucos e passageiros dias, mas, sobretudo, frisar a reconfortante constatação de saber que no ano seguinte tudo vai se repetir.



Divulgação

DESTAQUES DO FESTIVAL:

- 1º Mal dos Trópicos - 2º Whisky
- 3º Ninguém Pode Saber
- 4º A História de Marie e Julien
- 5º Herói - 6º A retrospectiva de Sergio Leone
- 7º As 48 Cachoeiras de Akame
- 8º Santa Menina - 9º Exilios - 10º Kill Bill vol. 2



TÁ OLHANDO O QUÊ??

Anuncie: 9666-5469

anúncios a partir de R\$ 60,00





Outra linguagem de ficção científica

Tim Robbins e Samantha Morton estream *Código 46*

Um filme de ficção científica sem naves especiais, heróis brucutus e raio laser. *Código 46* se baseia na história de dois personagens, William (Tim Robbins) e Maria (Samantha Morton), que se encontram em um futuro não muito distante onde os seres humanos são afetados pela tecnologia. A sociedade é dividida entre os privilegiados que moram em cidades e a ralé, que habita os desertos. E para passar de um lugar para o outro, a pessoa precisa de um passe emitido pela Esfinge, a entidade governante. Mas há irregularidades na emissão destes passes e William, que tem poderes telepáticos implantados artificialmente, é designado a encontrar o responsável pelo crime. Quando descobre que é Maria, entra em conflito porque já está apaixonado por ela. Uma das cenas mais fortes do filme é o estupro de Maria, que pede a William para violentá-la por ter sido infectada por um vírus que a impede de ter relações sexuais com ele. Uma trama complexa, que aborda sentimentos – e a falta deles – ética, numa história recheada de melancolia. **(F.M.)**

Divulgação



A estréia de Gisele Bündchen nos telões

Modelo brasileira interpreta criminosa sensual em *Táxi*

Divulgação



Refilmagem do longa homônimo de Luc Besson, a comédia *Táxi* marca a estréia da modelo brasileira Gisele Bündchen como atriz. E em Hollywood! Ela é Vanessa, a chefe de uma quadrilha que assalta bancos. Todas as ladras são belíssimas: a portuguesa Ana Cristina de Oliveira, a modelo belga Ingrid Vandebosch e Magali Amadei. Queen Laifah interpreta a taxista mais rápida de Nova York, que ajuda um policial bem atrapalhado (vivido pelo apresentador de TV Jimmy Fallon) a prender a gangue de Gisele. Com direção de Tim Story, o filme tem estréia prevista para o dia 5 de novembro. **(F.M.)**

Sátira ao terror

Marionetes destroem monumentos e cortam cabeças em *Team América, World Police*

A Torre Eiffel, as pirâmides e o monte Rushmore. Não sobra nada em *Team América, World Police*, uma sátira à guerra ao terror onde as estrelas são marionetes. Um grupo de defensores pela paz mundial acaba com tudo o que vê pela frente na luta contra o terrorismo e as armas de destruição em massa. E vale também queimar, destroçar ou cortar cabeças de marionetes que representam atores que protestam contra a guerra de Bush, como Sean Penn, Susan Sarandon e Alec Baldwin

O filme é dos mesmos criadores da série de TV *South Park* e faturou US\$ 12,3 milhões na semana de estréia nos Estados Unidos. **(F.M.)**

Divulgação/UIP/Paramount



NA PRATELEIRA

Por Leonardo Luiz Ferreira
email: leonardo@brasbyte.com.br

O Outro Lado da Rua (Idem) Direção: Marcos Bernstein Elenco: Fernanda Montenegro, Raul Cortez. O personagem idoso, normalmente, permanece à margem no universo cinematográfico. Ou é retratado de maneira caricata ou relegado a papéis pequenos. É justo por optar pelo amor na terceira idade, com olhar de sensibilidade, que o cineasta Bernstein, roteirista de *Central do Brasil*, de Walter Salles, acerta em seu *debut*. Ele ainda conta com dois dos maiores atores brasileiros em atividade, que dominam a cena, com olhares e um silêncio de alta intensidade, e transformam assim um roteiro mediano. Não é um policial ou suspense, é uma história de romance nascida do acaso. A citação de Hitchcock, e a sua obra-prima *Janela Indiscreta*, fica só na sequência em que uma senhora observa o prédio em frente e acredita que testemunha um assassinato.



Isso nada mais é do que a materialização do fascínio em observar a vida alheia para não se preocupar com a própria. O voyeurismo é algo inerente a toda humanidade. Sem qualquer trama policial, o filme atingiria um nível maior. Portanto, é desnecessária a entrada e descida ao inferninho de uma boate GLS e uma corrida sem qualquer perigo aparente. **Cotação: bom.** Brasil, 2004, Drama. (VHS/DVD)

O Anti-Herói Americano (American Splendor) Direção: Robert Pulcini e Shari Springer Berman Elenco: Paul Giamatti, Hope Davis. Uma adaptação corajosa, por vezes brilhante, em que se mistura ficção e realidade. A matéria-prima é uma história em quadrinhos, algo complicado para se levar às telas. Inicialmente, parece que a obra vai se aproveitar dos clichês dos *nerds* e de judeus. Entretanto, a dupla de realizadores encontra uma boa saída, como que para justificar a tese, ao mostrar as pessoas reais lado a lado com os atores. É uma estranha, mas perfeita simbiose. A realidade é tão esquisita ou mais que a ficção. As cidades e os países estão repletos desses clichês ambulantes. A metáfora de abertura já diz tudo quando se foca um grupo de jovens, todos fantasiados para o Halloween, e um garoto sendo apenas ele mesmo. A dependência do herói, do ídolo e a vontade de ser o outro é latente, promovendo o afastamento do confronto com si mesmo. O ator Giamatti, habituado aos tipos excêntricos, atinge o melhor momento de sua carreira com uma caracterização perfeita tanto em forma quanto na interpretação. Fascina a idéia de contrapor na tela a personagem e a pessoa real que a inspirou. Harvey Pekar, o desenhista retratado, promove um interessante monólogo sobre a identidade. Ele é um "loser" que obteve espaço no mercado apenas por ser ele mesmo, fiel as origens. Algo que poucos conseguem. A pérola indie americana de 2003. **Cotação: ótimo.** EUA, 2003, Drama. (VHS/DVD)



O Vestido (Idem) Direção: Paulo Thiago Elenco: Leonardo Vieira, Gabriela Duarte. O diretor Paulo Thiago, do ótimo *Os Senhores da Terra*, resolveu abraçar o melodrama e fazer algo bem distante da cinematografia nacional da atualidade. A estrutura de roteiro que segue a cartilha básica do gênero está presente no triângulo amoroso, traição e na emoção ao limite que leva ao exagero beirando o brega. Mas a contradição se instaura

a medida que vão sendo inseridas atualizações na trama, entre elas a corrupção política e cenas de sexo apimentadas. É um anacronismo que causa mal-estar. A ambientação político-histórico-social deve permanecer como pano de fundo e nunca ocupar boa parte do enredo. O amor e só ele deve estar no centro. O elenco não consegue expressar a carga emocional adequada, também porque carece de talento e, sobretudo, experiência ao par central. A narrativa, contada em *flash-back*, tem início com a chegada de uma jovem avançada proveniente da cidade grande para o interior de Minas Gerais, e tão logo alvoroça o lugar. Ela já aparece dissimulada e tentadora. A sua principal e única exposição é admitir ser budista, e mesmo assim acredita nas palavras de uma vidente. A sua superficialidade é real, mas o *script* demanda que seja ela a indagadora sobre desejo e moral. A escolha de algo material, no caso um vestido, para ser a representação metafórica do mal que assola os personagens é correta. Acerto único por sinal, pois a tragédia anunciada não chega a ocorrer, pior do que novela, e se esbarra em uma fragilidade dramática e em furos no roteiro, o mais grave é que o personagem principal mata um homem e não sofre nada mesmo com testemunhas e ainda consegue recomeçar. Melodrama de qualidade, com exceções claro, só mesmo com os cineastas Douglas Sirk e Max Ophuls. **Cotação: ruim.** Brasil, 2003, Drama. (VHS/DVD)

Fahrenheit 11 de Setembro (Fahrenheit 09/11) Direção: Michael Moore. O provocador Michael Moore surgiu para o mundo como um estouro. Ele sempre criou polêmica e já era conhecido pelo seu jeito satírico e falastrão. Mas por quem? Pelos americanos e alguma parcela de antenados desde o bom *Roger & Eu*, de 1989. Mas seu nome só se consolidou após o excelente *Tiros em Columbine*, de 2002, laureado com tantos prêmios e com uma bilheteria inimaginável em se tratando de um documentário. Aconteceu o inevitável: a superexposição. Esta obviamente gera o preconceito. O seu novo projeto foi produzido em meio a alta expectativa, que aumentou após a divulgação de uma pequena sinopse: as ligações da família Bush com os Bin Laden e outros poderosos da Arábia Saudita. O longa teve uma estréia arrebatadora no Festival de Cannes deste ano vencendo a Palma de Ouro. Uma consagração exagerada, um prêmio do júri estaria de bom tamanho. *Fahrenheit 11 de Setembro* é bem menos relevante do que *Tiros em Columbine*, um filme universal sobre armas e a cultura do medo, que conta com o único propósito de tirar Bush do poder nos Estados Unidos. Isso impede o aprofundamento sobre o fatídico 11/09 bem como a guerra "fictícia" contra o terror. Moore deixa bem claro que quer tirar Bush do trono ao ridicularizá-lo de todas as formas, sendo panfletário de uma causa sem nem mesmo apoiar algum candidato. Ele também não glorifica Saddam Hussein ou Osama Bin Laden - um trabalho de pesquisa sobre os dois seria de maior relevância. O documentarista erra ao usar de artifícios rasteiros - comuns em agentes publicitários durante campanhas eleitorais ou do sensacionalismo da mídia - como a paz no Iraque antes da invasão americana e planos chocantes de mortos, seguidos por uma longa lamentação de uma senhora. A seriedade, sem o costumeiro humor negro, não é seu forte. Assim mesmo, o filme pode entrar para história como sendo o primeiro que extrapolou os domínios da sala escura e influenciou uma eleição. Mas também corre o risco de perder rapidamente seu valor por ser imediatista em demasia. Um documento cinematográfico válido, que pode gerar tantos outros. **Cotação: bom.** EUA, 2004, Documentário. (VHS/DVD)





Sérgio Britto

O cinema indiano está em pleno boom. Graças à imigração indiana, ele conseguiu mercados estrangeiros e hoje é reconhecido pelo Estado como uma respeitável indústria no mundo indiano.

Bombaim é o centro de produção de espetáculos teatrais e também de cinema, uma espécie de Hollywood, no caso a "Bollywood".

Em 2000 foram realizados mais de 800 filmes. A Índia produz e consome mais filmes do que todos os outros países do mundo reunidos. É um enorme negócio: 80 milhões de espectadores por dia. Por dia, é isso, 80 milhões de pessoas assistindo cinema. Contrastes desse povo – de um lado, a miséria mais negra, de outro lado, os cinemas da Índia todos lotados.

Houve uma ofensiva americana, lá pelos fins dos anos 80, com filmes dublados em hindi e bengali, duas das línguas mais faladas na Índia. E conseguiram alguns sucessos como *Titanic* e *Jurassic Park*, mas sem ameaçar a predileção do seu povo pelos seus próprios filmes.

Em Hyderabad existe talvez o maior estúdio do mundo, mas ainda assim Bombaim produz mais da metade dos filmes indianos.

O indiano ama nos seus filmes particularmente a música, é ela que mantém esse público tão fiel aos filmes de seu país. E há a dança, o canto, quase sempre presentes nos filmes indianos.

Há problemas: a conservação dos filmes. A maioria se perde, ninguém pensa em conservá-los. Não existe a tradição de fazer uma história do cinema indiano. Não existem arquivos – os filmes são descartáveis. Filmes para hoje e não para amanhã.

Essas observações eu li no livro de Jean Claude Carrière, que esteve na Índia um tempo longo, filmando com Peter Brook o poema *Mahabharata*.

Filme indiano? O primeiro que vi não lembro, talvez um dos três de Satyajit Ray: a história de Apu – *Panther Panchali*, *Apajarito* e *O mundo de Apu*. Agora já se vê filmes indianos, até mesmo no Brasil. Em Nova Iorque, em Paris, Londres, sempre existem salas que exibem filmes indianos.

Mira Nair ganhou com *Salam Bombay* o prêmio de Cannes. *Apajarito* deu a Ray o prêmio de Veneza. Será que as coisas mudaram? O indiano começa a pensar numa história de seu cinema, pensar em conservar seus filmes? Será?

Os indianos não têm nenhum entusiasmo pela maioria dos filmes que mostram a Índia nos seus roteiros. *Índia* de Rossellini – a Índia está lá – Rossellini filiou nas ruas, mas nem assim conseguiu sair do clichê. *O rio* de Jean Renoir é admirado por algumas seqüências, especialmente as que mostram a vida na Índia da família inglesa, mas os indianos acham o olhar de Renoir sobre a Índia, no mínimo, ingênuo sobre a Índia milenar. Gostam muito dos documentários. *A Índia fantasma*, direção de Louis Malle, filme que nunca passou aqui no Brasil, rodado em 67/68. Desses documentários, só foi exibido Calcutá, que valeu a Louis Malle a proibição de nunca mais voltar à Índia. Hoje as coisas mudaram e muito. A Índia é mais aberta à visão que dela se pode fazer Mrinal Senn, por exemplo, importante diretor de cin-

ema, admira o trabalho de Malle e conta um episódio engraçado, acontecido em Calcutá.

Louis Malle quis filmar uma manifestação de estudantes, cercada por uma massa de policiais. Não deixaram. Mas o oficial de polícia era amigo de Mrival e quando soube que era Louis Malle quem queria filmar, virou para o diretor e lhe disse encantado: eu vi *Zazie dans le metro*. Legendado? perguntou Malle. Não. Conheço sua língua, estudei na Aliança Francesa, respondeu o oficial, e autorizou a filmagem.

Jean Claude Carrière (*), no seu livro *Índia*: "Satyajit Ray nos convidou ao seu apartamento – escuro, edifício cinza, livros, tudo puro século XVIII, instrumentos musicais e a fotografia de Sergei Eisenstein.

Afável, elegante, bonito, ele parecia o Luchino Visconti de Calcutá. Falou todo o tempo da música indiana e do Mahabharata. Ele tinha pensado em filmar Mahabharata mas a dificuldade de produção o obrigaria a uma co-produção americana. E Ray não imaginava nenhum ator americano como Arjuna, o herói principal. Imaginem só, diz ele, Kirk Douglas nesse papel.

Ray não falou uma palavra sequer sobre a miséria de Calcutá. Achava a cidade charmosa. Ele era um ídolo, conhecido nas ruas, os motoristas de táxi sabiam seu endereço. Satyajit Ray, apesar de ter realizado obras aonde a miséria, a indigência chegam a extremos, parecia viver num mundo a parte.

Satyajit Ray estudou pintura 3 anos e sempre se interessou por cinema. Em 42 fundou a Sociedade de Cinema de Calcutá, onde viu filmes de Flaherty e *Ladrões de Bicicleta*, que o influenciaram. Em 50/57 foi assistente de Jean Renoir em *O rio*, mas não havia dinheiro para o seu sonho de filmar a saga do jovem Apu que começa criança em *Pather Panchali*, já é um rapaz em *Apajarito* e pai em *O mundo de Apu*. Ele fez o filme com uma equipe praticamente sem nenhuma experiência. Filmavam à noite e nos fins de semana, nas horas em que não trabalhavam para sobreviver. Seu cameraman, Subrata Mitra era fotógrafo, não sabia nada de cinema. Houve um momento em que parecia que os 3 filmes nunca iriam acontecer, mas aí o governo de Bengal resolveu patrocinar.

Satyajit acredita na novela sobre Apu por sua humanidade, seu lirismo e seu senso de verdade. Os seus filmes conseguiram ter as qualidades da novela. Em Cannes, houve gente que esnobou os filmes, "pesado, desinteressante", mas alguns críticos, entre eles André Bazin, perceberam suas qualidades: um cinema novo que revelava para o mundo os mistérios da Índia. Com o segundo filme, *Apajarito* ele ganhou o Festival de Veneza.

Os filmes de Satyajit Ray marcaram os anos 50, mas o cinema indiano não é só ele, é muito mais. Filmes que melhores ou piores, falam sempre muito verdadeiramente desse povo tão especial que é o povo indiano. Voltaremos.

(*)nota: Jean Claude Carrière foi roteirista permanente de Buñuel, autor da peça *A controvérsia*, que vimos aqui com Paulo José, e escreveu o roteiro de *Mahabharata*, que teve a direção de Peter Brook



Tesouro milenar

A arte da China no Centro Cultural Correios

Divulgação

A partir do dia 9 de novembro, o Centro Cultural Correios recebe *Arte e tesouros da China*, mostra que reúne 195 peças pertencentes ao acervo do Museu Nacional de Arte e Artesanato da China. Entre as peças estão esculturas em madeira e pedra, cerâmicas e porcelana, objetos de jade, artesanato em metais, bordados, peças em laca e arte étnica e folclórica. São preciosidades da cultura milenar que o governo de Pequim resolveu trazer para o Brasil em comemoração aos trinta anos de reatamento das relações diplomáticas entre os dois países. A exposição fica em cartaz até o dia 16 de janeiro e a entrada é



franca. O Centro Cultural Correios fica na Rua Visconde de Itaboraí, 20, no Centro. **(F.M.)**

Figurativo e abstrato

Fernando Accarino expõe pela primeira vez no Rio

Divulgação

Inédita no Rio, a mostra do pintor Fernando Accarino reúne oito trabalhos em grande escala, que misturam o figurativo ao abstrato. A forma geométrica é marcada pelo contorno da figura humana, a partir de uma foto do próprio artista. Em cada tela, as figuras aparecem em arranjos grupais diferentes. As obras de Accarino revelam campos pictóricos distintos com um sensível tratamento plástico.

Fernando Accarino iniciou a carreira na década de 90 no MAM de São Paulo. Seus trabalhos fazem parte da coleção permanente de várias instituições, entre elas o Museu de Arte do Espírito Santo. A mostra fica em cartaz até o dia 9 de dezembro no Centro Cultural Cândido Mendes – Rua da Assembléia, 10, na Praça Quinze. **(F.M.)**



Proespaco Cult

- Artes •Poesia •Filosofia
- Equilíbrio Ambiental
- Sociedade Carioca

www.proespacocult.cng.br

Andréa C. Cid CRP: 05/30.691

Psicoterapia de Adulto, Casal e Família

Centro: Rua do Acre, 55/ sala 607 - 2233-3894
 Barra: Downtown bloco 3/sala 225 - 2494-5204
 Celular: 8828-1797
 Email: psyand@terra.com.br





José Louzeiro

As dores de Maradona

Em Cuba, mais que entre *nós outros*, o ditado – “quem já foi rei não deixa de ser majestade” –, é levado ao pé da letra. Por isso, quando Diego Maradona por lá esteve até março último, interno em uma clínica de recuperação, psiquiatras, psicólogos e assistentes sociais decidiram dar-lhe total liberdade de ação como parte do tratamento.

Item 1 da terapia libertária: o paciente poderia tudo, inclusive andar nu por alguns setores da clínica, tomar banho de sol, namorar com a linda Adonay Fruto, de 30 anos e cheirar cocaína até fartar-se. Sem qualquer constrangimento o ex-craque deu início ao “tratamento” com um pires de cocaína, fez uns passos de tango e, exausto, estendeu-se de braços abertos na cama, deixando que Fruto o cavalgasse, romanticamente. O que Maradona não esperava: alguém gravou um vídeo que, mesmo de péssima qualidade, chegou ao jornal sensacionalista mexicano – “Récord” – e, assim, em plena Olimpíada de Atenas, ele terminou, novamente, envolvido

num escândalo que determinou seu retorno à Clínica del Parque, na Argentina e, o que era pior: longe de Adonay. Logo que conseguiu falar com os jornalistas, disse: se não pudesse retornar a Havana, deixaria de comer e tomar os remédios. A vontade de Maradona vem de ser atendida. Mês passado os médicos argentinos terminaram por entender que somente em Cuba, onde a medicina alcançou altíssimo grau de desenvolvimento, ele poderá fazer tratamento adequado.

Para quem não lembra, Diego Maradona tornou-se famoso ponta-esquerda no futebol argentino, a partir de 1960. Destacou-se na Copa do Mundo de 1986, levando a Argentina a vencer o campeonato. Mais tarde, no Nápoli, terminou sendo preso (1991), por posse e uso de cocaína. Em 1994, de volta à Argentina, integrou a Seleção que disputaria a Copa do Mundo nos Estados Unidos. Flagrado em rumoroso caso de antidoping terminou excluído da competição, o que marcou o início do seu calvário.

Teatro

Solidão a dois

A busca da identidade é o tema de *Diário de um matrimônio*

O espetáculo *Diário de Um Matrimônio* fica em cartaz até 15 de dezembro no Teatro Cândido Mendes, apresentando a história de uma mulher – Paloma Cortez –

que busca redefinir sua identidade a partir de uma relação de amor. Ela é uma artista plástica que, ao se casar com um médico, aceita deixar sua vida em Nova York para acompanhá-lo na mudança para uma pequena cidade universitária norte-americana. Os dias de solidão recheiam as páginas do diário de Paloma.

O texto é uma adaptação livre do livro de Cláudia Sussekind, feita pela autora com Regiana Antonini. No palco, a personagem de Paloma é vivida simultaneamente por duas atrizes (Luisa Thiré e Mariana Terra), como forma de explicitar e explorar cenicamente suas contradições, desejos não verbalizados, inquietações. O marido é interpretado por Antonio Karnewale. Flávio Rocha, com anos de experiência em televisão, volta à direção teatral que assina com Helena Varvaki, ao lado de Colmar Diniz e Francisco Leocádio (cenário), Luiza Marcier (figurinos), Aurélio de Simoni (iluminação) e Marcos Abujamra (direção musical). **(G.C.)**





Televisão

14

ETs no Universal Channel

Seres abduzidos numa produção de Coppola

Estréia dia 19 de novembro no Universal Channel *The 4400*, minissérie produzida por Francis Ford Coppola. Os seis episódios narram a história de 4400 pessoas que retornam à Terra depois de terem sido abduzidas. Dadas como desaparecidas ou mortas, demonstram ter sofrido grandes alterações - embora não tenham envelhecido - e possuem uma força sobre-humana, além de um poder de cura através de um simples toque. Quando uma delas comete um assassinato, entra em campo uma agência do governo que tem como missão localizar todos os outros seres que viveram em outro planeta. *The 4400* foi a série na TV paga americana que mais teve audiência nos Estados Unidos no dia da estréia: 7,4 milhões de espectadores estavam em frente à TV. **(F.M.)**

Divulgação



Mistura de drama e humor negro

Desperate Housewives é a atração de novembro no Sony

A vida secreta de um grupo de donas de casa frustradas sexualmente é o mote de *Desperate Housewives*, série que mistura drama e humor negro com estréia marcada para o dia 4 de novembro no canal Sony. A protagonista é Teri Hatcher, a Lois de *As aventuras de Superman*. Ela é a narradora da história e passa a ver de fora a vida de vizinhos e parentes depois de cometer suicídio. O elenco conta ainda com Marcia Cross, Felicity Huffman e Eva Longoria. **(F.M.)**

Divulgação



PORTUGUESE FOR FOREIGNERS



TRANSLATION SERVICES

- Inglês - Português - Inglês
- Versão e Tradução Especializada
- Artigos, textos acadêmicos, currículos, resumos, outros

www.portugueselanguage.pro.br
rjmayer@portugueselanguage.pro.br

2540-9891



Preserve suas melhores lembranças

Copie suas fitas VHS e seus filmes super 8 para DVD!

Vanguarda Vídeo

2252-1211



PRA SEMPRE JOVEM

Fotos: Ricardo Pook



Nos dias 19 e 20 de outubro, o Canecão foi o pano de fundo para as comemorações de 40 anos da Jovem Guarda. Rara oportunidade de reencontrar alguns ídolos do passado.

Reunidos para a gravação de um CD/DVD que será lançado ano que vem, desfilaram pelo palco alguns nomes bastante representativos do movimento e, de certa forma, há muito ausentes do grande circuito musical carioca. Abrindo o show, o grupo Golden Boys com *Há um Alguém*, *Erva venenosa* e *Michelle* (versão em português da música homônima dos Beatles). A seguir Lilian cantou *O Pica Pau* para logo após, fazer uma apresentação antológica de *Pobre Menina* e *Devolva-me* com Leno, seu parceiro com quem esteve brigada por mais de 25 anos! Depois, foi a vez da dupla Deny e Dino. Antes de cantarem confesso, não me lembrava deles. Mas a interpretação de *Coruja* imediatamente corrigiu este lapso. O bom rapaz, Wanderley Cardoso, dono de um fã clube de mulheres ensandecidas, desesperadamente apaixonadas por ele, na época do auge do sucesso, reapareceu em plena forma, agora evangélico convertido. Waldireni também não lembrava... sabem que é ela? "Sou a garota papo firme que o Roberto falou..." mandou aquela brasa, mora. Teve também o "tijolinho" Bobby De Carlo, Ed Wilson, Paulo César Barros e Vanusa com uma bela interpretação de *Manhãs de Setembro*. Depois foi a vez do que restou do grupo Os Incríveis e, para finalizar,

Getúlio Côrtes, compositor de *Negro Gato* e mais uma infinidade de canções, sendo 14 delas gravadas pelo "Rei" Roberto Carlos.

Por falar no "Rei", sua presença, a do "Tremendão" Erasmo Carlos e a da "Ternurinha" Wanderléia foi o que faltou para a festa ser realmente de arromba.

Apesar de muito criticado e até discriminado por boa parte da crítica musical, o movimento da Jovem Guarda teve a sua importância e trouxe relevantes contribuições para a música brasileira. Baseava-se em letras e melodias simples, sem grandes complicações e, por isso mesmo, atingiu em cheio o público jovem do Brasil da década de 60, uma das mais criativas no cenário das artes em todos os tempos. Havia então uma revolução cultural acontecendo no mundo, o rock and roll. E a Jovem Guarda, com suas inúmeras versões de sucessos dos Beatles dentre outros, abriu as portas para a entrada do gênero no país. Daí, foi só uma questão de escolha. Escolha sim! Alguns puristas da música certamente não de levantar questões como colonização cultural, falta de criatividade (versões), etc. Não, senhores. A música é universal, não pertence a ninguém. Ela marca momentos na vida das pessoas e o simples fato de ouvi-las novamente remete-nos ao nosso passado, aviva a nossa memória. É assim que eu vejo as coisas. É assim que eu gosto de ver as coisas. Com música. **(R.P.)**

Veja as fotos em cores de todos os artistas no site www.acontecenacidade.com.br



Paulo Raider

e-mail para esta coluna: praider@ig.com.br

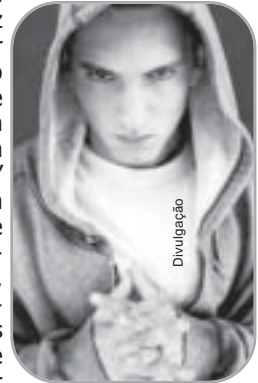
SALVE JORGE! Jorge Salomão, que completa 58 anos este mês, anda mais serelepe do que nunca. Incansável, o poeta e compositor, que além de divulgador e promotor de eventos e festas é uma das pessoas que mais levantam o astral do Rio, tão caído ultimamente. Sua presença é sinal quente nas áreas culturais. E falando em cultura, o agitador está com mil lançamentos para o ano que vem. Três livros: *A Estrada do pensamento* (ficção), *Conversa de Mosquitos* (estratégias poéticas e filosóficas) e *Campo de Flores* (misto de fragmentos e pensamentos). Além claro, do CD *Cru Tecnológico*, que como diz o poeta é uma mistura de poemas e disparates. Bem, Jorge não brinca em serviço...

VIVA O TEATRO! A Editora Nova Fronteira está lançando toda a obra teatral de Nelson Rodrigues. Ao todo são dezessete peças, que compõem o teatro completo de N.R. Nas categorias: peças psicológicas, míticas, tragédias cariocas. Que beleza podermos contar com edições como *Álbum de Família*, *Vestido de Noiva*, *Senhora dos Afogados*, *Boca de Ouro*, *Os Sete Gatinhos*, além de outras obras do genial teatrólogo brasileiros. Todos os volumes são acompanhados de um roteiro de leituras elaborado pelo professor de literatura brasileira da USP, Flávio Aguiar, que serve de apoio pedagógico à obra do dramaturgo.

HAJA NIRVANA! Os fãs do Nirvana espalhados pelos quatro cantos do mundo não perdem por esperar. Será lançado este mês, nas melhores lojas de disco do planeta, a caixa com três CDs *With the Lights Out*, contendo 68 faixas inéditas. Entre as raridades, uma seleção de demos caseiros do ex-líder da banda Kurt Cobain, além de faixas ao vivo e gravações de estúdio, contendo ao todo 81 faixas. Para acender mais a chama dos fãs, a caixa contém um DVD que vai surpreender com cenas do grupo tocando em uma festa no início de carreira, em 1987, e clipes de gravações e ensaios. É Nirvana em

puro estado de criação e rebeldia.

TROCO. Já está circulando na internet a faixa *Mosh*, do novo álbum do rapper Eminem, chamado *Encore*. Na música, o rapper diz que queria "prender uma AK/47" no presidente Bush e deixá-lo "lutar a própria guerra, para impressionar o pai" e mais adiante grita "chega de sangue por conta de petróleo, empurre, acabe com ele, danasse Bush". Há três anos, o presidente criticou o rapper dizendo ser ele "a maior ameaça às crianças americanas desde a pólio". Recebeu a resposta à altura. Dá-lhe Eminem!!



CAFÉ SEBASTIÃO. Se você estiver com um pé em Paris, ou seja, indo para Cidade Luz, não deixe de ver a exposição do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado. A mostra sobre o cultivo do café no mundo chama-se *In princípio* e permanecerá em cartaz até o final do mês no Chapelle de l'Humanité e, depois seguirá para a Índia. "Para mim o mais importante é mostrar às pessoas que o café não vem do supermercado, mostrar que há milhares de famílias que vivem do café neste planeta e que devem ser respeitadas. Venho de uma região que produziu muito café e meus pais também". "No Brasil, o café é produzido ao ar livre e o processo é mais mecânico; na Índia, debaixo de árvores é mais manual. A essência é a mesma". Vale conferir!! Sebastião é Sebastião: é o que há de mais *top* no mundo da fotografia.



H.C. A família do grande poeta e pensador concretista Haroldo de Campos doou toda sua coleção de livros para uma biblioteca própria que será instalada na Casa das Rosas, na Avenida Paulista. O espaço deverá se tornar um centro de pesquisa literária, que será aberto ao público exclusivamente para consultas. Haroldo que faleceu ano passado deixou uma grande contribuição para a cultura brasileira.

